

EST 106

CADERNOS DO IL

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE LETRAS

Nº1 DEZEMBRO 1989

ESTILÍSTICA E LITERATURA

A estilística, na sua acepção mais fundamental, é o estudo da maneira como uma coisa pode ser dita. Implica, portanto, a existência de opções para o utente da língua. Sempre que se fala ou se escreve, tem-se em vista um determinado propósito, e a estilística pode não só mostrar as inúmeras maneiras com que se pode atingir esse propósito, mas também sugerir, de um universo de opções, a mais econômica, a mais eficiente ou a que possa produzir o efeito mais penetrante.

A Estilística na Literatura

A estilística, aplicada à literatura, caracteriza-se em primeiro lugar pela ampliação das possíveis escolhas. O que é mais ou menos fixo, limitado e previsível na língua padrão torna-se fluído, ilimitado e imprevisível na língua literária. A função que JA KOBSON (1960) chama de poética não apenas explora os recursos da língua mas vai além dela, expandindo-a até as últimas consequências.

Uma das possíveis consequências dessa expansão da função poética, que pode romper os limites do código linguístico, está na criação de um ou mais códigos paralelos. A poesia de e. e. cummings, o Ulysses de Joyce, a obra de Guimarães Rosa seriam alguns dos exemplos mais característicos. É como se o que o autor da obra literária tivesse a dizer fosse maior do que as possibilidades da língua; ao tentar colocar o que tem a dizer dentro do código padrão, este se esgaça completamente até se romper.

Para entender o papel da estilística na função poética temos que considerar dois eixos de equivalência: um vertical, das possibilidades de escolha, e outro horizontal, das possibilidades de combinação.

A frase de César "Vim, vi, venci", pode ser usada para ilustrar os dois eixos. Verticalmente, temos para cada uma das palavras selecionadas pelo autor, uma série de outras palavras equiva-

lentes. No lugar da palavra "vi", escolhida pelo autor, foram descartadas, por exemplo, outras possibilidades (olhei, examinei, avaliei, perscrutei, inquiri, medi, etc.). Esse processo de escolha, ao longo do eixo vertical, caracteriza-se pela sua obrigatoriedade em qualquer produção linguística, literária ou não.

No lado desse processo de seleção vertical, obrigatório, existe um outro processo, opcional, de combinação de equivalências, que se dá no eixo horizontal - e que caracteriza, segundo JAKOBSON (1960), a linguagem poética. Na frase de César, temos, por exemplo, (a) a mesma consoante inicial para cada uma das palavras; (b) a mesma vogal tônica, repetida em cada palavra; (c) a mesma pausa após cada verbo. Tudo isso, como se vê, no eixo horizontal. Uma paráfrase da frase nos seguintes termos: "Cheguei, examinei a situação e conquistei o território", manteria apenas o princípio obrigatório da seleção de equivalências (que é vertical), abrindo mão do princípio opcional da combinação (que é horizontal).

A aplicação da estilística na literatura, envolve, portanto, não apenas a aplicação do princípio da escolha, existente e qualquer manifestação linguística, mas inclui também o princípio da combinação de equivalências, inexistente ou opcional na língua não-literária. Enquanto o princípio de seleção é uma força centrífuga, que expande as possibilidades, o princípio de combinação é uma força contrária, centrípeta, que afunila progressivamente cada escolha, atrelando-a às anteriores.

A Estilística no Ensino da Literatura

O papel da estilística no ensino da literatura tem sido geralmente ignorado pelos professores. Nos poucos casos em que chega a ser considerado, a atitude é de oscilação entre dois extremos: de um lado há os que negam essa importância, argumentando que o uso da estilística pode até atrapalhar a leitura da obra literária (COMER, 1986). De outro lado, há os que propõem o uso da estilística como um instrumento importante para a análise literária (LUDWIGSON, 1975).

Para poder avaliar o papel da estilística na análise do texto literário, é preciso antes delimitar os raios de ação da linguística e da crítica literária.

Em princípio, pode-se argumentar que o texto literário, por ir além das normas da língua, na medida em que expande o eixo ver-

tical da seleção, extrapola o domínio da lingüística. A crítica literária, por sua vez, prefera concentrar-se em outros aspectos, acima dos princípios elementares das normas de formação do código. Esse vazio que fica entre a lingüística e a crítica literária, foi definido por WIDDOWSON (1975) como o objeto da estilística.

Para caracterizar a proposta de WIDDOWSON (1975), vamos resumir dois dos vários exemplos de análise estilística dados em sua obra, um texto em prosa e um poema. O texto em prosa, extraído de um conto de Somerset Maugham, é o seguinte (tradução nossa):

"Era um homem pequeno, consideravelmente abaixo da estatura média, mas enormemente parrudo; tinha um rosto grande, carnudo, bem barbeado, as bochechas caídas dos lados como barbelas bovinas, e três enormes queixos; suas feições pequenas dissolviam-se na gordura; e, a não ser por uma lua crescente de cabelo branco atrás da cabeça, era completamente careca. Lembrava Mr. Pickwick. Era grotesco, uma figura engraçada, e, no entanto, estranhamente não sem dignidade. Os olhos azuis, atrás de óculos grandes de aros dourados, eram cheios de esperteza e vida, e havia muita resolução no rosto. Tinha sessenta anos, mas sua vitalidade inata triunfava sobre o avanço da idade. Apesar de sua corpulência os movimentos eram rápidos, e tinha um caminhar resolutivo e pesado como se procurasse imprimir seu peso sobre o chão. Falava em voz alta e áspera."

Seguindo a argumentação de WIDDOWSON, uma maneira de começar a análise estilística desse texto seria começar com a seguinte pergunta: "O que o texto descreve?". A maioria dos alunos provavelmente concordaria que a passagem descreve uma pessoa. Chegando a esse consenso, poder-se-ia perguntar onde, na vida real, encontramos descrições de pessoas. Alguém provavelmente responderia que em documentos tais como passaportes, carteiras de identidade, etc.

Em seguida, o professor poderia desejar que os alunos comparassem o texto literário com a descrição encontrada num dos documentos oficiais. A próxima pergunta poderia ser "Que dados do texto você espera encontrar num passaporte?" A aula toda provavelmente ficaria envolvida na procura desses dados. Cada dado deveria ser justificado até que se chegasse a uma conclusão final.

Seria hora de explorar alguns dos dados selecionados. Muito provavelmente a idade da pessoa - sessenta anos - estaria entre eles. A pergunta seria se num passaporte constaria a idade da pessoa ou a data de nascimento - o que deveria levar à conclusão de que há dados permanentes e dados temporários, e que documentos como passaportes fornecem dados permanentes.

Com isso se encerraria o primeiro bloco de perguntas. O no

vo bloco começaria com praticamente a mesma pergunta do primeiro: "Onde mais se podem encontrar descrições de uma pessoa?" Com um pouco de orientação o professor poderia elicitar a resposta desejada agora, ou seja, o depoimento de uma testemunha num tribunal. Mais uma vez os alunos seriam solicitados a selecionar dados do texto, concentrando-se agora naqueles que pudessem ser usados por uma testemunha ao descrever uma pessoa que ela provavelmente só viu uma vez na vida. Os dados encontrados seriam então comparados com os dados da descrição do passaporte.

A comparação provavelmente levaria os alunos à conclusão de que os dados do passaporte são permanentes, pessoais, sendo que alguns deles não podem ser detectados ao se olhar para a pessoa, como a data e o lugar de nascimento. Os dados da descrição da testemunha são relativamente mais temporários: cabelo branco, calvície, óculos de aros dourados. Os dados do passaporte são fornecidos pela própria pessoa; na descrição da testemunha os dados vêm de outra, que não tem acesso aos dados pessoais da pessoa envolvida.

Partir-se-ia agora para um terceiro ciclo de questões começando mais uma vez com a pergunta, "Onde mais se encontram descrições de pessoas?" A técnica de elicitação usada deveria levar para a resposta desejada aqui, ou seja, a carta de referência. Mais uma vez os alunos seriam solicitados a procurar no texto dados que pudessem ser usados neste novo contexto, que seriam depois comparados com os dados da testemunha e os do passaporte.

Conclusões importantes deveriam ser feitas agora. Numa carta de referência há uma avaliação subjetiva sobre o caráter da pessoa que está sendo descrita. Detalhes como calvície, cabelo branco e rosto grande são obviamente do conhecimento da pessoa que escreve a carta, mas são ignorados. A descrição é feita para uma finalidade diferente, e detalhes diferentes são selecionados.

A pergunta final, portanto, deverá versar sobre esses diferentes propósitos e sobre como a língua é usada para realizá-los em cada um dos quatro contextos: a descrição do passaporte, o depoimento da testemunha, a carta de referência e o texto literário.

Outro exemplo dado por WIDDOWSON é baseado no seguinte poema de Frost, que transcrevermos a seguir, em tradução livre:

DUST OF SNOW

PÓ DE NEVE

The way a crow

O modo como o corvo

Shock down on me
The dust of snow
From a hemlock tree

Sacudiu sobre mim
O pó de neve
De um pé de cicuta

Has given my heart
A change of mood
And saved some part
Of a day I had rued

Fez meu coração
Mudar de ânimo
E salvou uma parte
De um dia perdido

Supondo que o professor de literatura deseje que os alunos percebam, na primeira parte do poema, que os substantivos usados têm algo em comum entre si, ele poderia pedir aos alunos que descobrissem uma característica que ligasse as palavras corvo, pó, neve e pé de cicuta. Com algumas pistas dadas pelo professor, os alunos poderiam analisar as palavras em alguns de seus componentes semânticos e descobrir possíveis conotações.

Com essa ajuda, os alunos poderiam concluir que as palavras corvo, pé de cicuta, pó e neve podem ser unidas por uma mesma idéia de morte. Corvo por ser uma ave preta, considerada de mau augúrio, e que se alimenta de animais mortos; pé de cicuta, por ser uma árvore venenosa que causa a morte; pó por significar, entre outras coisas, o que sobra dos mortos, podendo também ser associada às palavras bíblicas de que o homem é pó e ao pó retornará. A palavra neve pode ser um pouco mais difícil, mas os alunos poderiam ser levados a perceber que está relacionada com o inverno, quando muitas plantas ficam temporariamente "mortas".

A essa altura, os alunos já deveriam ser capazes de responder a pergunta "O que sugere a primeira parte do poema?" Seria também possível, segundo WIDDOWSON, levar o aluno a uma interpretação mais específica do que a idéia geral de morte: o corvo pode sugerir um padre vestido de preto jogando terra, sobre o esquife.

Depois de explorar as similaridades que formam a estrutura do poema, explorar-se-iam os contrastes. Como podemos contrastar as palavras corvo, neve e pó? A resposta não é difícil: o corvo é preto e a neve é branca, a neve é úmida e o pó é seco, a neve é limpa e o pó indica sujeira. O verbo "salvou" seria finalmente contrastado com a idéia de morte. A conclusão seria de que o poema reconcilia duas idéias opostas: morte e vida - do mesmo modo como outras oposições são reconciliadas: seco/úmido, preto/branco e limpo/sujo.

A justificativa de WIDDOWSON ao se tratar o texto como um artefato, isto é, partindo-se dos expoentes para as funções e a de que tudo o que se diz sobre o texto está baseado no texto. Os

alunos percebem que a interpretação oferecida pelo professor não depende de um conhecimento oculto do analisador do poema, mas em fatos que, uma vez mostrados, podem ser percebidos no próprio texto. Até interpretações diferentes podem ser igualmente aceitas, uma vez que baseadas em evidências verificáveis.

Ao sugerir, principalmente na análise do poema de Frost, que o texto pode ser o ponto de partida, e não de chegada, da análise literária, WIDBOWSON estaria propondo uma espécie de análise de mão única, na direção do expoente para a função. O que propõe ser uma virtude do seu método - o uso de dados do próprio texto - corre o risco de ser o seu maior defeito.

Ao tentar aplicar o método de análise proposto por WIDDOWSON, o professor vai perceber logo que a leitura de um texto literário, como qualquer outro tipo de leitura, envolve o conhecimento de informações que não estão no texto porque devem estar no leitor, e vice-versa. É justamente essa troca de informações entre o leitor e o texto que torna a leitura possível.

Uma maneira de facilitar esse tipo interativo de leitura, a meu ver, é abordar o texto pelas duas pontas, expoentes e funções. Em vez de uma abordagem de mão única, teríamos uma via de duas mãos, com um fluxo maior de informações.

Vamos tentar mostrar essa abordagem, usando o seguinte poema de Manuel Bandeira:

Teresa, se algum sujeito bancar o
sentimental em cima de você
E te jurar uma paixão do tamanho de um
bonde
Se ele chorar
Se ele ajoelhar
Se ele se rasgar todo
Não acredita não Teresa
É lágrima de cinema
É tapeação
Mentira
CAI FORA

Para uma abordagem de mão dupla, as duas perguntas fundamentais seriam: (a) Qual a função específica para a qual a língua está sendo usada no poema? e (b) Quais os expoentes lingüísticos usados para exercer essa função?

Para elicitar a função, a primeira pergunta poderia ser desdobrada nas seguintes: (a) O que está acontecendo neste poema? (b) Quem são as pessoas envolvidas? (c) O que elas estão fazendo? A resposta mais ou menos óbvia é de que alguém está mandando alguém fazer alguma coisa ou, mais exatamente, dando um conselho.

Naturalmente, para que uma função possa ser executada através da língua é necessário que certas condições estejam presentes. Quem na vida real pode dar conselhos? Normalmente são pais, professores pessoas que estão em posição de autoridade. Quem recebe conselhos? Provavelmente pessoas com pouca experiência de vida. No texto, quem dá os conselhos? Provavelmente um homem. Qual seria a posição desse homem em relação à mulher? Ao que parece, paternalista. A mulher está indefesa, não percebe o perigo que a cerca e precisa da orientação do homem.

Mas seria realmente essa a função do poema? Estaria o poeta realmente interessado em mostrar que a mulher é incapaz de se defender sozinha?

Como sabemos que os expoentes lingüísticos podem levar a várias funções, poderíamos também fazer outras perguntas. Por que, por exemplo, no eixo vertical de escolhas, o autor selecionou Teresa? Por que não Joana? Maria? Por que selecionou expoentes como "se rasga todo", "do tamanho de um bonde", "lágrima de cinema" ? Será que o poeta estava querendo fazer gozação? Mas com o quê ? Com a cultura machista?

Quanto ao eixo horizontal de combinação, entre outras perguntas, por que a ausência da rima? Por que o desprezo pela uniformidade das linhas, que se apresentam em diferentes tamanhos? Por que, em certo ponto, as linhas começam a crescer, até chegar à palavra Teresa, para depois diminuir novamente? Estaria o poeta rompendo com o princípio da combinação de equivalências, extrapolando talvez para um outro princípio? A flecha e o machado formados pelas linhas na página seriam sinais desse rompimento?

A flecha simbolicamente aponta para fora do poema, para um alvo invisível, que a estilística sugere, mas não pode localizar. Ela apenas alerta o leitor, sugere uma busca em sua bagagem de conhecimentos e habilita-o a reconhecer esse alvo quando, por método ou acidente, vier a se encontrar com ele:

Mulher, Irmã, escuta-me: não ames,
Quando a teus pés um homem terno e curvo
jurar amor, chorar pranto de sangue,
Não creias, não mulher: ele te engana!
As lágrimas são galas de mentira
e o juramento manto da perfídia.

Joaquim Manuel de Macedo

A flecha do poema de Bandeira parece estar envenenada e sua função é provavelmente matar o poema romântico. A comparação

dos expoentes lingüísticos usados entre os dois textos, aplicando procedimentos de análise estilística, tanto pelo eixo da seleção, quanto pelo eixo da combinação, pode demonstrar isso de modo claro.

A meu ver, a crítica feita por GOWER (1986) de que a análise estilística atrapalha o ensino da literatura, só se justifica numa concepção "lingüística" da estilística - a interpretação mágica do texto literário, ou seja, aquela que vai, sem retorno, do expoente para a função.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GOWER, Roger. Can Stylistics Help the EFL learner to Read Literature? ELT Journal, Oxford, 40(2): 125-30, Apr., 1986.
- JAKOBSON, Roman. Closing Statement: Linguistics and Poetics. In SEBEOK, Thomas A., org. Style in Language. Cambridge, The M.I.T. Press, 1960. p.350-77.
- WIDDOWSON, H. G. Stylistics and the Teaching of Literature. London, Longman, 1975. 128 p.